



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA

LARICE AMORIM GAIA

**O LUGAR E A CULTURA RIBEIRINHA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE DE
PACUÍ DE CIMA, CAMETÁ-PA**

CAMETÁ-PA
2023

LARICE AMORIM GAIA

**O LUGAR E A CULTURA RIBEIRINHA: UM ESTUDO NA COMUNIDADE DE
PACUÍ DE CIMA, CAMETÁ-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade
de Geografia, Campus Universitário do Tocantins –
Cametá, Universidade Federal do Pará, para obtenção do
grau de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha

CAMETÁ-PA
2023

Dedico este trabalho:

Moisés de Freitas Gaia e Lucidalva Caldas Amorim, meus pais, vocês são minha inspiração grata por todo carinho e compreensão.

Dedico ainda aos meus avôs Antônio Louzada (in memoria), Joviniano Gaia e minhas avós Vladimira Gaia (In memoria) e Maria Ligia Caldas que contribuíram na minha formação pessoal.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi uma tarefa fácil e sozinha eu não teria conseguido, mas, primeiramente, agradeço a Deus porque sem ele nada disso seria possível.

Sou muito grata em especial, aos meus pais Moisés de Freitas Gaia e Lucidalva Caldas Amorim Gaia que são meus alicerces e que sempre colocaram a educação como prioridade e não mediram esforços para que eu continuasse nessa trajetória acadêmica, aos meus irmãos Mauro Gaia e Letícia Amorim sem o apoio deles eu também não teria conseguido.

Aos meus avós, tios e tias, primos e primas, em especial a Thais Leite, Janice Gaia e Jaqueline Maria, grata por toda ajuda e incentivo até aqui.

Agradeço ainda as amigas que fiz durante essa jornada Maria Tatiane Silva, Raquel Corrêa, Arthur Leão e Gêrsio Santos sem vocês as aulas não teriam sido as mesmas e nem os trabalhos em grupo, compartilhamos incertezas, aprendizados e alegrias durante esses 5 anos de curso, vocês fizeram com que essa jornada se tornasse ainda mais especial.

Agradeço aos professores que contribuíram nessa caminhada compartilhando conhecimentos em nome de Mário Júnior de Carvalho Arnaud e Marcel Ribeiro Padinha.

A todos que contribuíram para a realização da pesquisa, aos ribeirinhos da Comunidade de Pacuí de Cima Cametá, meu agradecimento especial. Por terem compartilhado suas experiências e vivências na Comunidade.

A turma geografia 2018, agradeço pelos momentos em sala de aula e fora dela, pois também foram importantes para a construção de conhecimento.

Ao meu orientador prof. Dr. Marcel Ribeiro Padinha, pela parceria, e paciência que foram de suma importância para a construção e caminhar desta pesquisa.

*“O poder da Geografia é dado pela sua
capacidade de entender a realidade em
que vivemos.”*

(Milton Santos)

RESUMO

Esta pesquisa está pautada no conceito lugar e suas várias caracterizações e para compreendemos colocamos como cerne a Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima (Cametá/PA). O presente trabalho tem como objetivo trazer uma análise da cultura ribeirinha e como conceito de lugar revela as transformações ocorridas na comunidade através do espaço vivido. Ela abordará as relações de espaço e lugar, e como a geografia humanista contribuiu para a ascensão desse conceito, o lugar e seu sentido surgem após a conquista do espaço. Assim, analisa-se ainda a dimensão da cultura para os indivíduos se reconhecerem como pertencentes a esse território. A metodologia envolveu pesquisas qualitativas, na qual para a coleta de informações foi utilizado o trabalho de campo (entrevistas e observações foram realizadas com os ribeirinhos da comunidade). Como subsídios teóricos recorreremos às contribuições de Yi-Fu Tuan (2013), Lívia de Oliveira (2014), Eduardo Marandola Jr (2014), João Baptista Ferreira de Mello (2014), Valter do Carmo Cruz (2011; 2006), Milton Santos (1997; 1988). E nos resultados encontrados descobrimos um pouco mais das lugaridades da Comunidade e o que vem fragmentando os laços de pertencimento com o lugar.

PALAVRAS CHAVES: Pacuí de Cima; Lugar; Cultura Ribeirinha; Espaço Vivido

ABSTRACT

This research is based on the concept of place and its various characterizations and to understand it we place the Riverside Community of Pacuí de Cima (Cametá/PA) at its core. The present work aims to provide an analysis of riverside culture and, as a concept of place, reveals the transformations that have occurred in the community through the lived space. She Will addressed the relationships between space and place, and as humanist geography contributed to the rise of this concept, place and its sense emerge after the conquest of space. Thus, the dimension of culture is also analyzed for individuals to recognize themselves as belonging to this territory. The methodology involved qualitative research, in which fieldwork was used to collect information (interviews and observations were carried out with riverside dwellers in the community). As theoretical subsidies we use the contributions of Yi-Fu Tuan (2013), Lívia de Oliveira (2014), Eduardo Marandola Jr (2014), João Baptista Ferreira de Mello (2014), Valter do Carmo Cruz (2011; 2006), Milton Santos (1997; 1988). And in the results found, we discovered a little more about the places in the Community and what has been fragmenting the ties of belonging to the place.

KEYWORDS: Pacuí de Cima; Place; Riverside Culture; Living Space

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Localização da Comunidade Estudada.....	33
Figura 2 - Lugares de reuniões da Comunidade.....	37
Figura 3 - Escola da Comunidade.....	39
Figura 4 - Posto de Saúde.....	42
Figura 5 - Paisagem da Comunidade de Pacuí de Cima.....	45
Figura 6 - Barquinhos no porto da Igreja da Comunidade de Pacuí de Cima....	45
Figura 7 - Paisagens Ribeirinhas.....	46
Figura 8 - Cozinha de uma residência Ribeirinha.....	47
Figura 9 - Paisagem da Comunidade.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – ESPAÇO E LUGAR NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA: O espaço com significados.....	13
2 – O LUGAR E GEOGRAFIA HUMANISTA.....	19
3 – LUGAR E CULTURA RIBEIRINHA	25
4 - A COMUNIDADE DE PACUÍ DE CIMA E SUAS LUGARIDADES	33
4.1 – LENDO A PAISAGEM INTERPRETANDO O LUGAR:	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	56
APENDICE – Formulário de pesquisa.....	58

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que abrange diferentes temas e a Identidade Territorial é um deles, e provindo desse ponto a presente pesquisa busca estudar a cultura ribeirinha, e o conceito de lugar e a partir dele apontamos também, seus elos com espaço e paisagem, visto que, dificilmente conseguiríamos explicá-lo sem as suas mais diversas relações e nos seus mais diferentes âmbitos. Focamos esse estudo, especificamente na Comunidade Ribeirinha da Ilha Pacuí de Cima Cametá-PA que está localizada na zona rural e ribeirinha do município.

Para isso partimos das seguintes problemáticas: é possível apontar a existência de uma relação entre “cultura ribeirinha” e “lugar”? Qual o sentido de lugar para os moradores dessa Comunidade? E que questões ameaçam esse sentido de lugar e fragilizam os laços de afetividade? Procuramos responder essas indagações durante a pesquisa de campo na comunidade, e além de outras que foram identificadas durante o caminhar dela.

Nesse contexto, mesmo com outros conceitos como espaço e paisagem sendo analisados, pois, são importantes para compreensão do espaço vivido. Neste trabalho optou-se por dar um maior destaque ao conceito de “lugar”, existem diferentes visões do que seria o “lugar”. E antes de tudo, é partindo da verificação desse conceito que buscamos entender a formação da Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima Cametá-PA e identificar quais valores culturais são preservados e ainda são mantidos pelos moradores, uma vez que, novos modos de vida vêm surgindo na comunidade e conseqüentemente há uma incorporação de novas culturas.

Para falar em Cultura procuramos levar em consideração que a cultura ribeirinha é muito rica e possui uma grande diversidade, além disso, é importante entender que cada comunidade possui sua singularidade e esse foi um dos pontos dessa pesquisa. As comunidades ribeirinhas amazônicas carregam em suas raízes crenças, costumes, saberes populares que durante muito tempo vinham sendo repassado de geração em geração, de pai para filho assim, suscetivelmente. Porém, nos últimos anos outros modos de vidas vêm sendo

incorporados por essas comunidades, geralmente impostos pela modernidade e o capitalismo.

Além do mais, outro ponto seria entender como a ciência geográfica poderá contribuir a essa temática a partir do conceito geográfico de “lugar”. Seguindo essa linha de raciocínio, o conceito de lugar na maioria das vezes é associado a sentimentos. E buscar despertar o sentimento de pertencimento, que se vem perdendo será uma das propostas da pesquisa para que os valores culturais sejam valorizados, e os laços de afetividade sejam reforçados, uma vez que, tem grande importância na formação da comunidade.

E as motivações para realização da pesquisa vieram justamente desse sentimento de pertencimento à comunidade, através de laços familiares e vivência na mesma. Portanto, procurou-se observar como a cultura da comunidade se expressa, e como as histórias de vida são narradas e recontadas. Ainda, entender como o rio e a floresta que compõem esse lugar estão diretamente ligados à sua cultura, e como eles definem a organização da comunidade.

Desta maneira, a presente pesquisa teve como objetivos: Compreender os diferentes cenários do que seria o lugar na ciência geográfica, e o que essas percepções revelam sobre o espaço vivido da Comunidade e suas transformações em meio a fluidez que o mundo contemporâneo apresentar, e como conflitos surgem a partir daí, além de estudar a cultura ribeirinha, e experimentar um pouco mais do cotidiano da Comunidade de Pacuí de Cima, assim percebemos como é vivência dos moradores na Comunidade e suas relações de sociabilidade dentro do lugar.

A experiência, pelos humanistas é umas das peças chaves para se compreender o sentido de lugar. Aqui o lugar que definimos como centro deste trabalho foi Comunidade de Pacuí de Cima, e como essas experiências nela são significadas pelos ribeirinhos dessa Comunidade e como as lugaridades foram construídas. Nós atentamos, inclusive como a relação com o lugar afeta a valorização desse espaço, sua organização social e econômica.

A pesquisa traz uma abordagem qualitativa e uma metodologia fenomenológica, pois consideramos na pesquisa as experiências vivenciadas no

lugar para a compreensão do seu sentido, e não apenas seu espaço físico, resgatamos a essência do homem com o lugar, e para isso as relações com outros conceitos estabeleceram uma compreensão mais significativa, possibilitando ainda uma reflexão mais crítica sobre o “sentido de lugar”.

O primeiro passo foi dado, através de investigações bibliográficas, na qual as teorias de Tuan (2013) serviram de base para as primeiras indagações dessa pesquisa, suas percepções sobre lugar e espaço tiveram assim, um papel fundamental para o andamento da mesma foi a partir daí que as reflexões sobre o sentido de lugar para os moradores da Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima foram questionados.

Utilizamos ainda associações com as teorias de outros autores humanistas como Marandola Jr (2012) e Livia de Oliveira (2014) entre outros que encontramos durante o texto e foi assim que continuamos nossos estudos sobre o lugar, fazendo-se ainda sempre associações a outros conceitos para se compreender melhor as relações como o lugar. E foram nessas análises de livros, artigos, que ancoramos o tema da pesquisa e que serviram de base teórica para realização da mesma até sua conclusão.

Ainda na parte teórica falamos sobre a cultura ribeirinha na Amazônia com os aportes de Valter Cruz (2006; 2011) e algumas pesquisas que já tinham sido elaboradas sobre a Comunidade. No segundo momento foi realizada pesquisa de campo na Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima Cametá/Pa, para a coleta de informações realizamos entrevistas com os moradores, as mesmas podem ser visualizadas ao longo do texto, tentamos ainda verificação de documentos, na qual almejava-se analisar o histórico da comunidade e outros documentos que nos trouxesse mais informações sobre ela.

Foram ainda, elaborados neste trabalho questionários parcialmente estruturados para a entrevistas com os moradores da comunidade. Pois, pretendia-se que entrevistador pudesse-se fazer perguntas também fora do que foi planejado e consequentemente abri mais espaço para entrevistado, o objetivo era o deixar o mais à vontade para contribuir e trazer outras informações, a mais que não eram perguntadas para que a entrevista fosse mais natural e

espontânea. O resultado do trabalho de campo pode ser observado ao longo do texto e apenas as iniciais dos moradores foram inseridas nas entrevistas.

Diante disso, para nortear esta pesquisa quatro capítulos são encontrados: o primeiro trata dos conceitos de espaço e lugar para a ciência geográfica tendo como base teórica as reflexões de Tuan (2013) sobre a perspectiva da experiência e as principais formas de conceituar lugar e espaço. Partindo do ponto que é a partir da conquista do seu espaço que homem significa o lugar, sem isso espaço não possui significação.

No segundo capítulo encontraremos o conceito de lugar para a Geografia Humanista e como ele foi ganhando destaque nesse meio. Nesta perspectiva, nele compreenderemos um pouco mais das contribuições dos estudos humanistas sobre o sentido de lugar. Marandola Jr (2014), descreve que os geógrafos humanistas encontravam no lugar o centro para se explicar a essência da experiência e a existência, pois era aí que as relações homem e meio encontravam sua significação mais profunda.

O terceiro tratará o lugar e a cultura ribeirinha analisando qual o papel do rio e a floresta para a construção da cultura ribeirinha. E por fim o último capítulo trará as localidades da Comunidade que foram investigados durante a pesquisa de campo, sendo, inclusive o resultado da mesma, nele serão encontradas algumas problemáticas identificadas durante a pesquisa de campo, que causam conflitos na comunidade, e algumas outras, que diariamente, os ribeirinhos dessa comunidade enfrentam. Ainda, através da paisagem continuamos interpretando o lugar.

1 – ESPAÇO E LUGAR NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA: O espaço com significados

A ciência geográfica traz diferentes definições e discussões sobre o conceito de “Espaço” e “Lugar” que carregam, assim, diversos significados e percepções, visto que, diferentes autores discutem os mesmos, contudo, sem definir um significado universal. Para a Geografia, o Espaço é o seu objeto de estudo fundamental (imprescindível) e sua definição mais comum é a de “espaço alterado pelas ações dos seres humanos sobre o meio”. Com essa definição é

importante entender o que levar o homem altera o seu meio para atender às suas necessidades de sobrevivência.

Trazendo ainda o conceito de Espaço, para Tuan (2013), “Espaço” é um termo abstrato que possui um conjunto complexo de ideias, em virtude de ser apenas uma representação criada pelo homem. Sendo que, esse espaço abstrato ainda é estranho e desconhecido quando destituído de significados, e só passará a ser concreto quando lhe é atribuído afeição. É a partir da divisão do seu espaço e enraizamento no mesmo que o homem constrói seu modo de vida.

É importante salientar, que o espaço não possui uma única divisão nem um único significado, pois a ele é atribuído várias formas, assim como varia também em tamanho, em razão de ser organizado para suprir as necessidades biológicas e relações sociais do homem. Em vista disso, para Tuan (2013) podemos discutir o significado de espaço, como por exemplo, no seu sentido experiencial, que destacaremos mais a frente, espaço temporal e espaço arquitetônico.

O espaço tem significado temporal nas reflexões do poeta, na mística da exploração e no drama da migração. O espaço também tem significado temporal ao nível das experiências pessoais do dia a dia. A própria linguagem revela a íntima conexão entre pessoa, espaço e tempo. Eu estou (ou nós estamos) aqui; aqui é agora. Você (ou eles) estão lá; lá é então, e então se refere a um tempo que tanto pode ser o passado como o futuro (TUAN 2013, p. 156-157).

Assim, a relação de tempo e espaço está presente ao ser associada ao passado e futuro, o espaço se transforma com o passar do tempo, e o espaço que ficou no passado pode ser chamado espaço histórico, em razão dos acontecimentos que marcaram a conquista desse espaço no passado. Além disso, é através do tempo que organizamos as nossas atividades diárias no espaço. Outro ponto de ligação de espaço e tempo é que, como o espaço, o tempo está ligado ao movimento.

Como evidência Tuan (2013), o espaço arquitetônico é o ambiente elaborado pelo homem, na qual ele primeiro desenha o espaço, para logo após construí-lo e essa atividade da construção é uma atividade complexa, na qual os espaços são visualizados na mente e no papel. Esse ambiente construído, tem

a capacidade de despertar a sensibilidade do homem sobre os espaços, pois sem ela as emoções sobre espaço ficam irradiadas e momentâneas.

Para o referido autor,

O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. É verdade que, mesmo em forma arquitetônica, as pessoas são capazes de sentir a diferença entre interior e exterior. Mas esse tipo de conhecimento é rudimentar. O espaço arquitetônico, até uma simples choça rodeada por uma clareira, pode definir sensações e transformá-las em algo concreto. Outra influência é a seguinte: o meio ambiente construído define as funções sociais e as relações (TUAN, 2013, p. 128).

Tuan chama atenção para as relações de espaço e lugar e como suas definições têm importância na experiência, já que, são confundidas constantemente, pois para esse autor:

“Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra (TUAN, 2013, p. 14).

Como já vimos, o espaço pode ser analisado de diversas maneiras, ou seja, discutir a significação dele, é também abordar sua amplitude, ele oferece liberdade, sendo assim, está associado a movimento, já que, o lugar é descanso e proteção. O homem ao cansar-se da liberdade proporcionada pelo espaço busca o lugar. Torna-se possível que localização se transforme em lugar, a casa, a cidade são exemplos disso. Sobre isso, Tuan Fala que:

A cidade ou terra é vista como mãe e nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem que vê fraqueza em si mesmo e chance de movimento em toda parte (TUAN, 2013, p. 189).

Ainda para este autor, onde encontramos carinho e nossas necessidades fundamentais são atendidas, são chamados de lugares íntimos, em razão de, até o homem mesmo saudável busca o aconchego que conheceu na infância, ou seja, tem o sentido de lar como lugar. No entanto, os lugares íntimos

permanentes podem perder significado deixando de ser um lugar que tranquiliza o homem e traz paz pela ausência de pessoas e objetos.

Seguindo essa linha de raciocínio, conceito de Lugar possui vários significados e pode ser caracterizado de muitas maneiras dependendo do ponto de vista, não só na ciência geográfica, pois mesmo sem conhecer a definição científica atribuída a ele o homem consegue definir um significado de lugar. Desta forma, é analisando esse conceito que identificamos valores e a formação dos lugares que foram criados a partir de uma afeição duradoura.

Como afirma Tuan (2013), o Lugar possui um mundo de significados organizados. É essencialmente um conceito inerte, que lembra estabilidade, pois se víssemos o mundo em constante metamorfose, não desenvolveríamos nenhum sentido de lugar. Assim, a partir dessa estabilidade ele é calma e aconchego e, geralmente, é associado ao sentimento de pertencimento a partir das experiências individuais de cada pessoa, e conhecendo essas experiências conhecemos mais sobre o lugar.

É importante frisar, que cada lugar possui suas características próprias definidas por cada indivíduo, que se dá a partir de uma associação de fatores, além de uma identificação simbólica. Entretanto, na diferença entre os lugares é que se reforça a identidade de um lugar por suas características próprias. Assim, não podemos caracterizar o lugar com uma única definição, pois é importante entender suas singularidades.

De acordo com Tuan (2013), o termo Espaço e Lugar são familiares, pois apontam experiências comuns. Partindo dessa perspectiva, são expressões que segundo ele, sempre vão estar conectadas, em razão de, sempre dependerem uma da outra. São termos que devem ser analisados em conjunto. Porém, ao refletirmos sobre esses conceitos diversas indagações surgem sobre os significados dessas palavras. Sendo assim, nas palavras de Tuan,

Considerando os dotes humanos, de que maneira as pessoas atribuem significado e organizam o espaço e lugar? Quando se faz essa pergunta, o cientista social é tentado a ver a cultura como um fator explicativo. A cultura é desenvolvida unicamente pelos seres humanos. Ela influencia intensamente o comportamento e os valores humanos (TUAN, 2013, p. 13).

Desta forma, para o autor, existem várias indagações a se fazer, assim uma delas seria sobre a organização do espaço e lugar pelo homem, posteriormente como isso justificaria a organização do espaço e a afeição pelo lugar. Logo, o elemento explicativo mais comum, quando se fala em significado e organização do espaço e lugar que surge, é a cultura.

É fato que ela possui essa grande influência na discussão sobre o significado de espaço e lugar por ser criada a partir das relações humanas e ser associado ao sentido de lugar e identidade territorial que é construída através dos saberes e modos de vida. Pessoas de diferentes regiões através da cultura se diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e medi-las.

Entretanto, ela é um fator explicativo, mas não é o único, há outros pontos a serem discutidos ao se falar de espaço e lugar. Segundo Tuan (2013), além da cultura, três pontos devem ser destacados e se cruzam, como os fatos biológicos, ou seja, como o ser humano desde sua infância até a fase adulta aperfeiçoou seu conhecimento sobre espaço e lugar. O segundo ponto traz os vínculos que existem entre espaço e lugar, visto que, dificilmente abordaremos um sem falar do outro. Já o terceiro aborda a amplitude da experiência, existindo assim diferentes formas de se conhecer ou experienciar o lugar.

Ainda para Tuan (2013), não conhecemos o lugar apenas por experiências diretas e íntimas, há lugares que conhecemos apenas de forma indireta, um exemplo seria nosso país por sua grande extensão, podemos apenas conhecer algo sobre o mesmo, mas já nossa casa conhecemos intimamente cada detalhe e um pesquisador, como um geógrafo conhece uma cidade conceitualmente por estudá-la. Ou seja, essas seriam as três maneiras de experienciar.

Sendo assim, ao analisarmos esses conceitos palavras como experiência, familiaridade, afinidade e pertencimento se destacam, e frequentemente se confundem. Seguindo essa linha de raciocínio, voltaremos a falar um pouco mais da experiência, é através dela, que atribuímos significado ao lugar. Assim, é importante salientar, ou seja, há lugares que podem ser importantes para uns e menos importante para outros, sendo isso definidos pela experiência.

Para Tuan (2013),

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento (TUAN, 2013, p. 17).

Em suma, para ele, aprendemos pela nossa capacidade de experienciar, sentir e a partir daí adquirimos conhecimentos. Há diversas formas de se experienciar, assim as emoções também estão ligadas a experiência. Existe também interpretação do espaço na experiência. Desta maneira, nas palavras desse autor,

É impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço. O espaço da criança se amplia e torna-se mais bem articulado à medida que ela reconhece e atinge mais objetos e lugares permanentes. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado (TUAN, 2013, p. 167).

Segundo ele, o espaço necessita de meios para ganhar forma, primeiramente, o homem delimita seu espaço e a partir daí acrescenta objetos a ele, além disso o espaço para a criança não tem o mesmo significado e a mesma amplitude que possui para uma pessoa adulta. Pois, o espaço para a criança é muito limitado, possuindo ainda muitos obstáculos, que seriam os objetos a serem superados, à medida que ela vai crescendo esse espaço vai se ampliando e ganhando significação.

Há vários fatores que levam o homem a transformar e ocupar o espaço. Portanto, o espaço que foi transformado pelo homem e após ser atribuído sentimento, a partir das experiências vivenciadas no mesmo, torna-se o seu lugar permanente, no qual ele sempre irá retornar em busca de conforto e segurança. Além disso, podemos criar afeição por um lugar apenas por conhecê-lo conceitualmente ou por fotografia, e a significação do espaço e lugar como discutimos não ocorre de maneira instantânea.

2 – O LUGAR E GEOGRAFIA HUMANISTA

Neste capítulo abordaremos a importância do lugar para a Geografia Humanista. Segundo Oliveira (2014), o conceito de lugar na geografia e, principalmente, para a geografia humanista desde de seu início, foi sempre a estrutura propriamente dita da ciência geográfica. Assim, refletir sobre o lugar é também pensar o seu sentido na geografia, por isso vários pensadores humanistas exploraram a categoria lugar e sua relevância.

Seguindo essa perspectiva de análise, para ela é no lugar que está uma de suas bases fundamentais para se compreender as relações humanas com a natureza, as transformações sociais e culturais. E a partir de sua discussão que se norteiam diversos debates. Apesar disso, se temos definições sobre esse conceito elas não surgiram na atualidade, pois há muitos anos os humanistas iniciaram essa caminhada que vem dando ênfase a essa categoria.

Os humanistas buscam explicar o sentido de lugar através da experiência humana, abordando também sua relação com o espaço vivido, assim foi a partir dessas análises que palavras, como por exemplo, identidade, enraizamento, pertencimento que estão sempre associadas ao sentido de lugar vem ganhando destaque ao se falar nesse conceito. Ganhando várias conceituações ao longo da evolução do pensamento geográfico.

Nesse contexto, discutiremos nessa pesquisa qual o sentido de lugar para a Comunidade de Pacuí de Cima Cametá-Pa, que é uma comunidade ribeirinha da Amazônia localizada na zona rural do município de Cametá, assim estudaremos como as relações humanas com o lugar foram construídas na comunidade. desta forma, buscaremos, ainda desvendar o que significa para os moradores dessa comunidade pertencer a esse lugar.

Para Marandola Jr (2012), as colaborações mais recentes do conceito de lugar vêm reforçando e permitindo uma concentração maior das contribuições que os geógrafos humanistas vêm propagando desde os anos de 1970. Assim, as relações de envolvimento (sentimentos) e pertencimento vão sendo reforçadas quando fundadas (constituídas) e relacionadas no lugar. Ainda para Marandola Jr (2012),

A geografia, enquanto ciência, deu pouca atenção ao lugar no decorrer de sua história. Seu ganho de importância coincide com dois processos: o surgimento de abordagens teóricas que procuravam enfatizar valores humanistas orientados pelas filosofias do espírito, dando atenção à diversidade, à heterogeneidade e à diferença (geografia humanista primeiramente, depois a geografia cultural); e o movimento de mundialização que forjou uma oposição entre global-local/mundo lugar a partir da subjugação do segundo pelo primeiro (MARANDOLA JR, 2012, p. 14).

Desta maneira, para o referido autor, o lugar nem sempre teve grande importância para a ciência geográfica, e foi com o avanço das teorias trazidas pela geografia humanista, e em seguida pela geografia cultural que ele foi ganhando destaque. No qual, eles buscavam salientar os valores humanistas e sua grande diversidade. O movimento de mundialização foi outro fator que influenciou o interesse pelo lugar. Diante disso, é por isso que o conceito de lugar deve ser sempre analisado e se necessário ser restaurado, visto que, a modernidade atinge grandes proporções.

Nesse ínterim, ainda falando da mundialização Berdoulay e Entrikin (2012), referenciam Robertson que aborda esse fenômeno como a cristalização do mundo inteiro em apenas um lugar. A uma crítica a mundialização, pois nas sociedades tradicionais a significação do lugar era preservada o que não ocorre na mundialização, visto que, ao se tornar um cosmopolitismo ele perde sua significação e autenticidade tudo isso trazido pela modernidade. Porém, a modernidade traz um ambiente instável, nas quais a relação das pessoas com o lugar de pertencimento deve ser revisada.

A comunidade de Pacuí de Cima é uma dessas sociedades tradicionais que vêm sendo influenciadas pela mundialização, hábitos de outros lugares podem ser encontrados nela, como por exemplo, nas festas e na culinária. Apesar disso o lugar para os moradores ainda possui sua autenticidade e eles ainda lutam pela sua preservação, mesmo com a incorporação desses novos modos de vida. O que ocorre é que mesmo nos lugares mais distantes como a comunidade encontramos o capitalismo cada vez mais presente. A instabilidade no sentimento de pertencimento trazido pela modernidade pode ser percebida nas gerações mais jovens da comunidade.

Para as relações humanas conhecer e se aprofundar sobre o sentido de lugar vem sendo uma ferramenta necessária, uma vez que, o mundo enfrenta uma realidade cada dia mais desumana. Assim, para Marandola Jr (2012), é no lugar que as mazelas do dia a dia nos atingem de forma mais dolorida, mas é nele que também as enfrentamos, diariamente, e nos fortalecemos. Pois, ele com seus diferentes espaços e significações, que está a ideia-chave para as lutas que o ser humano enfrenta no seu cotidiano.

Trazendo para o local de pesquisa a comunidade de Pacuí de cima, ao se vivenciar o cotidiano da comunidade, encontramos problemas que os moradores precisam encarar diariamente, como a poluição das suas águas, a falta de uma educação de qualidade e a falta de atendimento em saúde. Para terem acessos a esses serviços necessitam se deslocar até a zona urbana do município. E é ao tentar explicar os lugares e espaços que os homens habitam que a Geografia se depara com essas mazelas.

Conforme Mello (2012), às categorias matriciais das investigações humanistas da geografia são espaço e lugar, e eles se aprimoram em explorá-las. E é por isso que elas aparecem com grande constância nos estudos do âmbito humanista. Segundo os humanistas, o caminho que leva ao entendimento dos lares dos homens ou de suas “geografias existenciais”, é uma caminhada construída por meio de conceitos, o que não é uma tarefa fácil para as ciências. E os conceitos que a ciência geográfica priorizar são o espaço, a região, a paisagem, o território e o lugar.

Ainda para Mello (2012), se deve reforçar que os geógrafos, de modo geral, têm sua atenção apontada em outras direções, como por exemplo, analisar a organização espacial. Já os geógrafos da tendência humanista se preocupam em tentar explicar os espaços e lugares dos homens, ou seja, nossos mundos. E se referindo ao lugar a geografia humanista reconhece que ele possui várias dimensões, assim buscam trabalhá-lo a partir do sentimento tendo diversas facetas para sua compreensão.

Posto isso, nas palavras de Livia de Oliveira,

Encontramos que o verbete “lugar” é um substantivo masculino oriundo do latim *lôgar*, *lôcus* e local como adjetivo. Para nosso espanto, nos deparamos com nada mais nada menos que dezoito vocábulos para

designar lugar. A definição de lugar se mescla, se confunde com espaço ocupado (aqui empregaremos esse termo), com sítio. Em outras vezes significa povoação, localidade, região e até país. Em ocasiões diversas quer dizer posição, categoria, situação, origem, sendo empregada também como oportunidade, ensejo e vez. (OLIVEIRA, 2014, p. 4).

Logo, segundo a autora, ao ser feito uma breve busca sobre o significado de lugar diferentes termos lhe são atribuídos, assim nota-se que não há uma única definição para ele, e pode ser definido dependendo da circunstância a ser analisada e é através da ligação dessas palavras que a geografia humanista tenta explicar o seu sentido, a partir das experiências individuais humanas ou numa abordagem coletiva.

Em vista disso, para Mello (2012), quando se é analisada a questão da posse de um lugar e sua defesa seu significado remete-se à noção fenomenológica do mundo vivido, uma vez que, irá ser analisada sua origem, buscando explicar a alma dos lugares. Assim, buscando não separar pertences privados ou públicos, parentes, amigos, turistas e a base territorial intrinsecamente que estão entrelaçados e fazem parte do conjunto íntimo do indivíduo ou do coletivo.

Nesse cenário, Oliveira (2014), para falar de outra dimensão importante de lugar cita Gaston Bachelard, que apresentava ele como a primeira qualidade existencial, na metade do século XX, e ressaltava que era por ele que todo estudo deveria começar e terminar. Ou seja, o lugar seria a base de qualquer investigação para se explicar as questões que afetam a sociedade, assim como também os fenômenos geográficos.

Partindo desse ponto, é pelo lugar que as investigações sobre Comunidade de Pacuí de Cima devem iniciar, a vivência ribeirinha tem muitas questões a serem exploradas como sua cultura, suas relações sociais, além dos fenômenos geográficos, é ainda descobrir como os conhecimentos sobre a natureza e o rio foram adquiridos com a convivência com o lugar, que histórias são contados e recontados. Logo, estudar o lugar não é apenas fazer análise de um conceito, a partir deles vários pontos podem ser discutidos.

Nota-se que a geografia humanista se destaca ao construir o conceito de lugar e abordá-lo. Entretanto, Mello (2012), chama atenção que a construção desse conceito não se limita apenas aos filósofos ou aos partidários da corrente humanista. A geografia nos permite caminhar por diversas áreas por ser interdisciplinar, seguindo essa linha de pensamento o mesmo ocorre com o conceito de lugar que transita por diversas áreas não só a geografia, pois é nele que o nosso cotidiano está inserido e criamos nossa identidade.

Nesse contexto, a sociofísica que é o ramo da área da física que para explicar os fenômenos sociais se emprega de ferramentas que se utilizam na mesma, como a radiância. Oliveira (2014), cita que possivelmente o lugar tem uma grande proporção na sociofísica, em razão do conceitual e figurativo se nivelarem entre a itinerância e a radiância, segundo esta autora, aventura do nômade nos atrai, pois também desejamos conhecer novos lugares, à medida que, também queremos pausa e acalento que encontramos no lar.

Sabemos, agora, que o lugar nunca é inteiramente itinerante nem radiante, mas sim uma mescla de ambos os tipos de união sociofísica. O lugar industrializado é um exemplo das complexas misturas possíveis. Nestas não é fácil culpar as pessoas concretas pelos erros e pelas injustiças do lugar. Cada um dos setores econômicos primários (mineração e agricultura), secundários (indústria) e terciários (circulação e de serviços) exigem um equilíbrio entre o lugar radiante e itinerante, de naturezas diferentes, sendo o cruzamento sociofísico total um cruzamento entre as três uniões (OLIVEIRA, 2014, p. 10).

Assim, percebe-se que para a sociofísica lugar é uma fusão das ligações que ocorrem na sociedade entre o meio global ou local, além disso é uma união entre os três setores industriais.

Ao se abordar lugar e sujeito a geografia humanista tem como tradição a herança Kantiana, um ponto de vista que é mais centrado no homem e suas ações. Berdoulay e Entrikin (2012), afirmam que a vantagem desse pensamento na natureza da geografia é a de revelar o homem como seu ponto central, assim surgem as bases para os estudos como as relações de poder entre o homem e território e como organizações sociais se organizam.

Pois, é ele que modifica a terra, e como resultado fazendo dela o seu mundo, além disso influencia no que ele se torna como sujeito. Podemos considerar também que “O sujeito e o lugar são, cada um, constitutivos do outro.

Os diversos conceitos utilizados (território, região etc.) tornam-se, nessa perspectiva, subcategorias dessa relação geral" (Berdoulay e Entrikin, 2012, p.108).

Essa relação do indivíduo com o lugar visa estudar as manifestações contemporâneas na sociedade, que trouxeram com ela um novo modo de vida, assim como também novas organizações espaciais. A cultura é muitas vezes modificada, e é através do sentimento de pertencimento pelo lugar que ela também pode ser preservada. Pois os lugares de pertencimento são o nosso lar, no qual vivemos nossas experiências e criamos laços afetivos.

Para Mello (2012),

Os lugares de nossas experiências podem ser transitórios e/ou eternos. A efemeridade dos lugares seria, em parte, advinda das metamorfoses operacionalizadas pelo homem no incessante monta e desmonta, no esquecimento desmedido e na destruição criativa dos mais diversos recantos e, em parte, da metamorfose de nossos valores, ambiguidade e temores (MELLO, 2012, p. 39).

Entende-se que não é apenas em nossos lugares de pertencimento que criamos laços pela transitoriedade do homem e sua capacidade de mudança, além da incerteza de seus sentimentos. E as relações do homem com esses lugares criam laços topofílicos que é a conexão entre os seres humanos e meio ambiente, ou seja, seu amor pelo lugar seja por lugares eternos ou transitórios. Pois que, é comum criarmos sentimentos por lugares transitórios pelas memórias vividas nele.

Outro ponto que Berdoulay e Entrikin (2012), analisam é a capacidade de transformação que os lugares atingem na modernidade, no entanto ela é uma característica do sujeito moderno e sua definição de identidade. Para mais, lembrar os vínculos entre o homem e seu mundo foi uma importante contribuição que a corrente humanista trouxe para a geografia, já que, eles se estabelecem reciprocamente.

É por isso que a geografia humana busca abranger as diversas relações que o homem possui com o lugar, como já foi visto discutindo as experiências, os valores que o homem atribui ao lugar, sentimentos, além de sua relação interdisciplinar com outras áreas. E esses conhecimentos têm seus estudos

apresentados em diversos trabalhos já elaborados. Logo, observa-se que a geografia traz diferentes perspectivas do conceito de lugar.

3 – LUGAR E CULTURA RIBEIRINHA

Quando falamos em “Comunidades Ribeirinhas” infere-se que se trata de comunidades tradicionais que ocupam espaços ao longo das margens dos rios. Tendo seus modos de vida ligados, principalmente, ao rio e a floresta. Assim, para Cruz (2006), o rio possui um papel de “espaço de referência identitária na Amazônia, sendo a origem da organização espacial, em grande parte dela”. Além da organização espacial o rio e a floresta é que moldam a cultura dos ribeirinhos.

As práticas culturais são construídas com experiências com o lugar e a adaptação a ele fez com que os ribeirinhos construíssem seus próprios modos produtivos de acordo com as suas necessidades, assim para se entender a cultura ribeirinha é importante compreender como estruturam seus modos de vida e sua relação com o lugar em que vivem.

É importante frisar, que por Cultura entende-se que é o conjunto de costumes, hábitos e crenças de um grupo. Almeida (2008), aponta que é através da formação cultural de um povo que entendemos como a identidade territorial é construída, sendo através dos saberes e ofícios e modos de viver. E é por meio dela que será construída uma herança cultural que irá permear sua relação com o território. É também através dela que as populações realizam sua mediação com o mundo.

De acordo com Viana (2017), os saberes dos ribeirinhos que vivem na Amazônia são transmitidos de diferentes gerações pela oralidade e ainda pelas práticas cotidianas, reúnem uma gama de saberes de vários povos, como portugueses, nordestinos, índios e negros, consequência do processo de “colonização da Amazônia”. Esses povos ao longo dos anos foram desenvolvendo suas habilidades e costumes ao se instalarem nesta região. Além disso, para eles, o rio e a floresta, não são apenas elementos da natureza, consideram-nos como uma extensão de seus corpos.

Buscaremos discutir neste capítulo se é possível apontar a existência de uma relação entre “cultura ribeirinha” e “lugar”. Sendo assim, partiremos da análise de como o rio e a floresta que compõem os espaços ribeirinhos estão diretamente ligados à cultura desses lugares. Cruz (2006) ressalta a relevância do rio para as comunidades ribeirinhas da Amazônia na construção de seus modos de vida que são particulares, na qual o rio é o diferencial na organização espaço-temporal e fundamental na construção cultural dessas comunidades.

Nesse contexto, podemos apontar a ligação entre a cultura ribeirinha e o lugar de diferentes maneiras, como por exemplo, a cultura como elemento explicativo para se compreender como ocorreu a organização desse espaço e lugar, além disso como ela dá sentido ao amor pelo lugar, e como esse sentimento de pertencimento é reafirmado quando o mesmo é ameaçado, como consequência surgem movimentos em defesa dos lugares porque neles foi construída uma identidade territorial. Mas é válido lembrar, que a construção dessa identidade não ocorre apenas pela cultura.

Como já vimos a ligação dessas populações com o meio ambiente é profunda, sendo que os movimentos cíclicos da natureza (estações do ano, marés etc) orientam e, de muitas maneiras, determinam os fenômenos sociais; as ações concretas do cotidiano do ribeirinho se repetem ciclicamente no pulsar das águas – os movimentos das marés de algum modo regulam os horários e os comportamentos. É no vaivém das águas (enchentes e vazantes) que se dá a reprodução da vida social e da experiência cultural num cotidiano que se realiza de maneira plural (CRUZ, 2006, p. 110).

Assim, como podemos observar nas falas do referido autor, essa conexão com a natureza é tão intensa, pois ela determina para essas comunidades seus modos de vida e sua maneira de se comportar socialmente. Além disso, como a floresta e o rio foi por muito tempo um dos seus únicos meios de subsistência, os ribeirinhos através da experiência ao analisarem a maré, por exemplo, sabem se ela está propícia para a pesca, ou qual melhor época para a colheita de frutos.

Para entendermos melhor sobre a cultura ribeirinha destacamos aqui especificamente a comunidade ribeirinha da Ilha Pacuí de Cima Cametá-Pa e para isso é importante analisarmos como se deu a ocupação de seu espaço e como ela se tornou um lugar de pertencimento para os ribeirinhos dessa comunidade. Nesse contexto, já discutimos anteriormente que os laços de

afinidade se dão pela experiência e convivência com o lugar e partir delas que estudaremos as práticas culturais e os saberes que essa comunidade possui.

A comunidade de Pacuí de Cima Cametá-Pa, atualmente como consequência da modernidade tem novos modos de vida incorporados ao seu dia a dia. Nesses novos modos de vida a cultura dessa região também passa por transformações e está sujeita a reconstruções. Porém, em razão do sentimento de pertencimento muitos valores ainda são preservados pelos ribeirinhos dessa comunidade, esses sentimentos são despertados através da memória afetiva ao relembrares a infância, por exemplo, despertam novamente o amor e apego pelo lugar.

É importante salientar, que preservar a cultura dessas comunidades é de suma importância. Ainda assim, a cultura não é estática podendo ser transformada ou reconstruída ao passar dos anos a partir das relações humanas com o lugar, é válido lembrar, que em cada lugar encontramos diferentes culturas e modos de vida. E o homem pela sua capacidade de mudança também pode sentir afeição por outras culturas, assim como ocorre com os lugares.

Para Loureiro (2009), às populações da Amazônia utilizam-se da biodiversidade para desenvolver um rico conhecimento a partir da vivência e da relação com a natureza, produzida por índios, caboclos e outros; integrando-os na sua vida cotidiana e como elementos da cultura. Nesse contexto, essa relação dos ribeirinhos com os esses elementos da natureza foi construída durante muitos anos e durante muito tempo era o rio e a floresta eram seus únicos meios de sobrevivência.

A vida nessas comunidades nos remete a calma que não encontramos no caos urbano que é a vida na cidade. Em vista disso, segundo Cruz (2006), ao ser observar essas paisagens podemos ter a impressão de que estão paradas no tempo, já que, os elementos que compõem a paisagem contribuem para um ritmo lento do tempo, na qual o tempo do relógio não prevalece, é o movimento das águas que regula a vida ribeirinha.

Mas com o passar do tempo, essa calma vem sendo interrompida, cada vez mais, pois um novo ritmo de vida vem surgindo nessas comunidades. E os ribeirinhos da comunidade de Pacuí de Cima vem se adaptando a ele, assim

como vem ocorrendo também em outras comunidades. Observamos isso em vários elementos, seja na paisagem, ou nos seus modos de vida. Há uma junção do moderno e tradicional. Todavia, a quem retorne à comunidade em busca da calma que ela transmite.

Segundo Viana (2017), em sua pesquisa sobre a comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima, ele ressalta que no cotidiano da Comunidade, os moradores ainda têm seus modos de vida definidos pela dinâmica do tempo lento, que são definidos pela natureza. Ele ainda aborda, que a dinâmica de ir e vir até zona urbana do município de Cametá, assim como a caça, pesca ainda são ditados por esse tempo lento.

Podemos refletir que “O tempo pode ser aquele da espera ou da procura: à espera da enchente ou da vazante, do inverno ou do verão ou o tempo da procura dos cardumes de peixes, a hora de revistar as malhadeiras, os matapis, na busca do alimento (Cruz, 2006, p.94). Seguindo essa linha de pensamento, o autor está se referindo aos conhecimentos do ribeirinho sobre a maré (movimento do fluxo das águas), também cita o Matapi instrumento que é utilizado para a pesca do camarão, é construído com recursos extraídos da natureza, podendo ser considerado também um trabalho artesanal.

Apesar da impressão de estarem parados no tempo ao visitarmos essas comunidades e vivenciá-las mais profundamente, observamos várias mudanças. Atualmente, dificilmente encontramos as canoas a remo, que vão sendo cada vez mais substituídas pelos chamados “rabudos” e as “voadeiras”. Essa última vem ganhando cada vez mais destaque, por sua grande velocidade. Hábitos que antigamente, eram comuns, como ao final da tarde encontramos as famílias reunidas na ponte de suas casas contemplando o final da tarde e proseando, dificilmente ocorre atualmente.

Ao falar das identidades dessas comunidades, Cruz (2006), salienta que podemos discutir a identidade dessas populações tradicionais, principalmente de três “modos de ver”. Primeiramente por um “olhar naturalista”, em segundo seria o “olhar romântico tradicionalista”, e o terceiro “olhar moderno colonial”. O olhar naturalista refere-se ao silenciamento ou invisibilidade desses povos ao

considerar a região apenas como natureza, resultando no que ele chama de geografia das ausências e uma história de silêncios.

Ainda para Cruz (2006), a visão romântica/tradicionista fala sobre a abundante diversidade cultural dessas populações, e trata as diferenças e a cultura como particularidades, ou seja, interpreta a identidade desses povos como aquilo que é “autêntico”, “original”, “verdadeiro”, “tradição”. Porém, ela também os vê como “caboclo” o “bom selvagem”, pois ainda não efetuou o pecado da modernidade. Já o moderno/colonialista traz o estereótipo do “caboclo” marcado, e é mais enraizado no imaginário social o que resulta nos preconceitos e estigmas sociais e culturais.

Nota-se que uma dessas visões valoriza apenas a biodiversidade da floresta, e as outras reforçam os preconceitos vendo o ribeirinho apenas com o caboclo, ou vendo sua cultura apenas como aquilo que é estranho. Ou seja, todas essas interpretações têm visões equivocadas ou preconceituosas sobre esses povos. Além disso, a mídia ao retratar esses povos reforça ainda mais esses estereótipos dando uma visibilidade negativa, não uma valorização.

Essas populações mobilizam estrategicamente e performativamente novos discursos identitários na busca pelo reconhecimento de sua cultura, memória, e territorialidade que historicamente foram marginalizadas, suprimidas, silenciadas e invisibilizadas e agora começam tornar visível o que era invisível, em voz o que foi silenciado, em presenças as ausências e, desse modo, iluminam a r-existência e o protagonismo dessas populações na construção da história e da geografia da região (CRUZ, 2006, p. 28).

Logo, segundo autor, em consequência de serem sempre silenciadas ou invisibilizadas, essas populações vêm lutando, cada vez mais, pelo reconhecimento de suas identidades e sua cultura, sendo assim, nas palavras de Valter Cruz,

A construção de uma identidade territorial pressupõe dois elementos fundamentais: o “espaço de referência identitária”, que é o referente espacial no sentido concreto e simbólico onde se ancora a construção de uma determinada identidade social e cultural, e a consciência socioespacial de pertencimento, que é a construção do sentimento de pertença e do autorreconhecimento, o que implica em nós nos reconhecermos como pertencentes a um grupo e a um território específico (CRUZ, 2006, p. 39).

O espaço de referência identitária que estamos discutindo aqui é a Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima-Cametá-Pa. Nesse contexto, já abordamos que o espaço antes ser ocupado pelo homem, não possui o sentimento de pertencimento que é adquirido através da experiência tornando esse espaço um lugar, os moradores da Comunidade de Pacuí de Cima se reconhecem como pertencentes desse território esses laços com a comunidade (lugar de pertencimento) ocorreram de diferentes maneiras não só pelo nascimento.

De acordo com Almeida (2008), os laços de identidade se apresentam na convivência com o lugar, e também com o território. Desta maneira, é nos lugares que ocorrem as mais diversas relações sociais e, assim se construiu a identidade territorial da comunidade. E para falar na organização da comunidade destacaremos sua cultura, pois ela detém grande influência na significação do espaço e lugar da comunidade.

Para Milton (1997),

A cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo (SANTOS, 1997, p. 13).

Seguindo essa linha de pensamento, a Cultura da Comunidade de Pacuí de Cima, traz elementos ligados ao rio e a floresta na sua cultura por ser uma comunidade ribeirinha localizada na Amazônia. Cruz (2011), traz uma abordagem sobre o atual momento histórico que a Amazônia vem vivenciando, na qual, ela vem tendo uma forte influência dos processos globais. E como consequência um forte imaginário é construído sobre essa região.

Logo, o global e o regional também influenciam a vida dessas comunidades e da referida comunidade estudada. Nesse sentido, Viana (2017), traz em sua discussão sobre o lugar importantes considerações sobre essas influências, assim o lugar não pode ser analisado como particularidade se contrapondo ao global, mesmo que esse lugar não se encontre próximo às dinâmicas globais, por isso devem ser analisados em conjunto. Já que, é no lugar

que correm as mais diversas conexões humanas como já discutimos anteriormente.

Para Hall apud Cruz “vem ocorrendo um processo onde o “cultural” é cada vez mais relevante para entendermos o econômico e o político” (2006, p.50). Nesse ínterim, o econômico, o político e cultural se interligam no lugar por influência do global. Cruz (2011), chama atenção para a construção de “novas” identidades territoriais a partir da incorporação de novos sujeitos políticos. Essas comunidades tradicionais vêm lutando, cada vez mais, pela afirmação e preservação material e simbólica dos seus modos de vida, essas lutas sociais vêm ganhando espaço.

E, por isso, é importante analisar como a comunidade vem significando o lugar após a influência do grande capital. Percebe-se que todo lugar possui sua particularidade é fato seja ela retrata na sua cultura, ou sua paisagem, mas é evidente que ele não pode ser analisado de maneira isolada, ou seja, desconsiderando a influência do global e regional, e os elementos que o compõem, além de suas relações com o sujeito.

Ao falarmos das experiências e os saberes adquiridos pelos ribeirinhos, podemos citar as construções como as palafitas, e as pequenas canoas que são alguns dos elementos que encontramos nessas comunidades e são fabricados por eles. Também se destacam ao falamos dessas comunidades, pois é comum serem caracterizados, por exemplo, como povos que vivem em casas de palafitas o que não deixa de ser um estereótipo, visto que, não é comum nos referimos aos moradores que habitam a zona urbana como povos que residem em casas de alvenaria.

A vida nessas comunidades pode nos trazer experiências únicas. Os ribeirinhos conhecem os traçados dos rios mesmo na noite escura, conhecem cada lugar da paisagem, além de possuírem uma cultura rica. O rio e a floresta são espaços simbólicos, o rio é espaço físico natural e ainda, espaço social, posto isso, nas palavras, de Valter Cruz,

o rio como espaço físico-natural (paisagem natural) é fundamental como meio de transporte, como fonte de recursos naturais e ainda contribui de maneira fundamental na temporalidade, no ritmo social de parte da região, bem como é matriz da organização espacial em muitas áreas da Amazônia. O rio como espaço social é o meio e a mediação

das tramas e dos dramas sociais que constituem o modo de vida ribeirinho com seus saberes, fazeres e sociabilidades cotidianas. Já como espaço simbólico ele é matriz do imaginário, produto e produtor dos sistemas de crenças, lendas, cosmologias e mitos ligados à floresta e ao misterioso universo das águas que são elementos fundamentais na construção da cultura do ribeirinho na Amazônia. (CRUZ, 2006, p. 40).

Percebe-se que, através do uso do rio, diversos papéis são desempenhados, e na Comunidade de Pacuí Cima encontramos essas relações com ribeirinhos, o espaço social, na qual, as relações com o lugar se desenvolvem é possível encontrar a cooperações, sentimento de solidariedade na vizinhança, as ligações familiares e são desenvolvidos seus praticas diárias. O espaço simbólico do rio, se apresenta, principalmente, nas histórias contadas pelos mais idosos os chamados “casos” que são ligados aos mistérios do rio e da floresta.

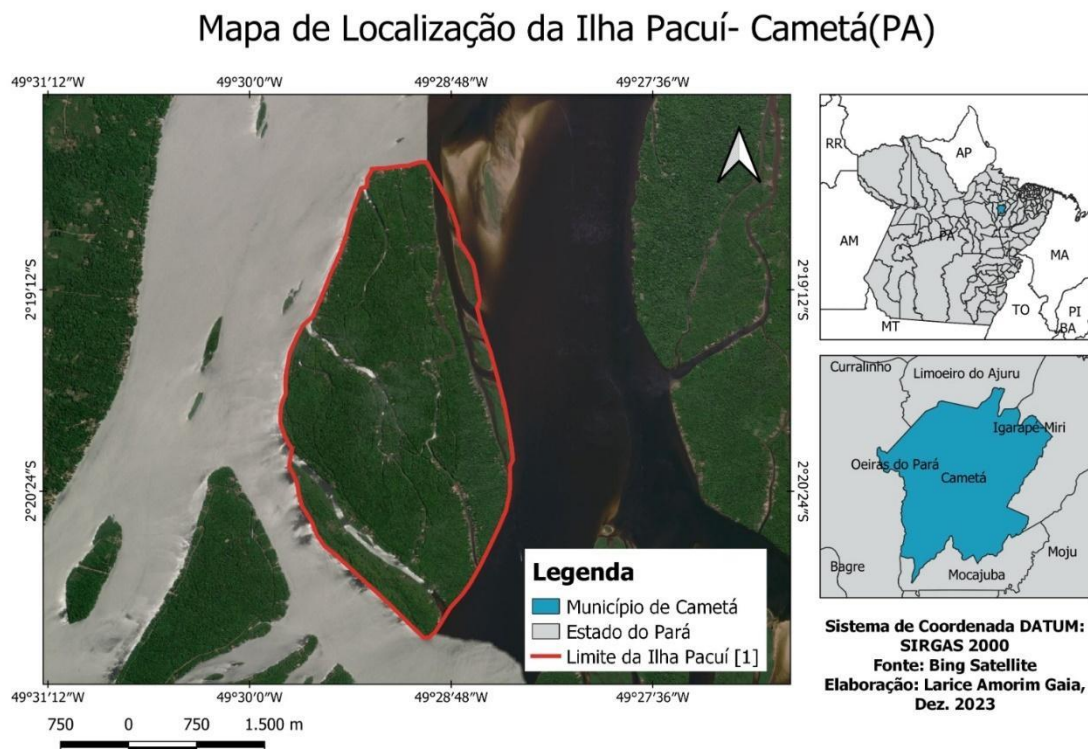
Em virtude disso, Viana (2017), fala que as representações do imaginário social, que são construídas através dessas histórias, são ainda uma condição para o “respeito” com a natureza Ainda segundo ele, as conexões que encontramos na comunidade tem um conjunto de tradições que foram construídas por meio, de ritos, mitos, lendas, crenças e superstições no imaginário social.

A comunidade possui grupos culturais que através da música cantam seus costumes, além da luta pela preservação desse território, demonstrando seu amor pelo lugar. Segundo Silva (2018), aprender sobre a existência ribeirinha é também viajar no seu sentido poético, visto que, a habitação entre os rios e as florestas são carregados de história. Ainda para este autor, apenas habitar em lugar não é reconhecesse nele, pois para reconhecer um lugar no mundo é essencial o tempo.

Desta maneira, os ribeirinhos através do tempo e da experiência se reconhecem como pertencentes desse território. É partido dessa perspectiva que iremos analisar no próximo capítulo como os Ribeirinhos da Comunidade estudada se identificam com esse lugar habitam e se reconhecem nela, e como o amor pela comunidade é representado por eles e como essas vivências expressam suas lugaridades.

4 - A COMUNIDADE DE PACUÍ DE CIMA E SUAS LUGARIDADES

Figura 1 - Mapa de Localização da Comunidade Estudada



A Figura 1 apresenta a área da Ilha de Pacuí. Exploraremos aqui um pouco mais a Comunidade de Pacuí de Cima, buscaremos nos aproximar das lugaridades da Comunidade. Partiremos da análise do que significa para os moradores pertencer e viver nessa comunidade, e para isso a percepção dos mesmos é de fundamental importância, pois é por meio dela que identificamos a conexão com o lugar. Analisaremos ainda o olhar crítico dos moradores.

Durante a pesquisa de campo na Comunidade tentamos observar as características que se destacam ao se falar na Comunidade, e quais questões interferem na qualidade de vida desse lugar e como os moradores enfrentam esses desafios, tendo por fim, aos laços de união e fraternidade na comunidade. No decorrer da pesquisa identificamos algumas situações problemas, que geram conflitos na comunidade, e causam o enfraquecimento de laços, que muitas

vezes levam a tomada de decisão, por parte de alguns moradores, por deixar a comunidade.

A formação da Comunidade de Pacuí de Cima se remete ao ano de 1845, quando teve início um movimento religioso, que era chamado de irmandade, já em 1961 a igreja católica inicia a criação das comunidades, e a partir daí a irmandade passa a se chamar comunidade. Esse movimento religioso teve grande influência na formação e organização da Comunidade. E daí em diante surgem as lutas para o bem comum da Comunidade.

Primeiro, que aqui começou, em 1845, foi fundado um movimento religioso, até chegar ao ponto de as pessoas daquela época levarem a sério “a brincadeira de três crianças”, fizeram em modelo de uma coroa e as três rezavam e andavam. Teve uma pessoa – daquelas que pensa, que fica observando –, um senhor ficou observando aquelas três crianças a forma como elas estavam brincando, porque as outras brincavam de se jogar lama, de correr atrás da outra, mas as três brincavam diferente então, ele chamou os pais dela disse assim: “Essas três meninas estão brincando de uma forma diferente eu acho que isso é um chamado pra nós aqui se organiza religiosamente”. E daí então começou aqui nossa chamada irmandade. **(Ribeirinho J. F.T.V, 67 anos, 19 de novembro de 2023).**

Após isso os laços comunitários se fortaleceram e a Comunidade foi evoluindo, a população aumentando muitas coisas foram conquistadas, como Igreja e Escola. A igreja sempre teve um papel fundamental na fundação e organização da Comunidade.

Sempre foi a luta pela comunidade as coisas que tem hoje, por causa que quando eu conheci era bem pouquinho tinha as coisas, mas também já não era comunidade, aquele tempo falavam de irmandade, também eles fizeram alguma coisa porque quando eu conheci tinha pouca coisa mais tinha o que eles puderam oferecer pra nós no momento, porque quando a gente se entendeu já tinha coisa de madeira bem simples, né porque também a população era pequena, né? Então, era tudo resumido agora evoluiu tem que crescer também junto, mas eles não deixaram de fazer algo é pra nós ter hoje, se existe muitas mangueiras quem foi que plantou foi pessoal quem vieram antes de nós, né? Quase tudo que existe assim na natureza, essas árvores centenárias que ainda tem aqui, foram eles que deixaram, preservaram. Tem uma mangueira que eu falo até manga da minha vó desde quando eu conheci já tinha aí. Vai ficando velho ainda tem até hoje eu sempre falo pros meus filhos: “Olha isso era mangueira da minha vó”. Então, eles não deixaram de fazer algo pra nossa subsistência até hoje. Como a gente vai esquecer das coisas que eles faziam rezar nas casas a gente não ia pra lá porque não tinha era nas casas, né? reza de noite terço, ladainha, novena tudo nas casas. **(Ribeirinho R.N.F.G, 61 anos, 19 De novembro de 2023).**

Nas discussões de Relph (2012), ele traz as considerações do que seria o lugar como “Lar” e destaca que é onde somos conhecidos e conhecemos, e as raízes estão estabelecidas e mais fortes, e é por isso que quando nos afastamos sentimos saudades. Nos depoimentos podemos notar essas raízes bem estabelecidas ao serem lembradas as antigas gerações e suas contribuições que são lembradas e repassadas às outras gerações. Contribuições essas que ressaltam, a importância da preservação da natureza ao serem citadas árvores centenárias que ainda são encontradas na Comunidade e o espaço produzido como herança dos antepassados.

Partindo das ideias de Relph (2012), olhar o lugar por diferentes interpretações é promovê-lo, além de ser uma forma de resistência. Assim, analisamos a Comunidade de Pacuí de Cima, trazendo diferentes visões sobre a vida na comunidade, ressaltamos os seus pontos negativos e positivos, e o que papel a comunidade desempenha para os moradores. Embora as Comunidades Ribeirinhas tenham semelhanças, identificar suas diferenças é fundamental.

Eu sempre tenho dito assim: Problema tem em tudo canto, nós temos que aprender a resolver o problema, e a comunidade pra mim não tem outra coisa melhor até agora que eu encontrasse do que a vida em comunidade porque são diversidades de pensamento e isso contribui muito para nosso crescimento da gente, o fato do fulano não concordar comigo isso é pro nosso crescimento desde que gente saiba absorver e respeitar ideia da pessoa porque é o que ela pensa, e ele tem que me respeitar, porque é que eu penso. Eu acho que aqui na comunidade que você aprende uma vivência. Lá fora, pra mim, comunidade é isto né?! Aqui nós passamos muitas dificuldades, mas nós somos uma comunidade, nós temos uma grandeza de acreditarmos nas coisas, e a gente vai pra cima das coisas. **(Ribeirinho J. F.T.V, 67 anos, 19 de novembro de 2023).**

Ainda para Relph (2012), ao estudar o lugar a geografia considera as reflexões particulares, no entanto, busca sempre as ultrapassar, e as observações particulares são importantes, uma vez que, são nelas que as estão as respostas para diversas questões, além de explicar as relações dos indivíduos ao se conectarem com o mundo. Nesse contexto, é através dessas observações particulares que notamos o amor pela comunidade ao se fala com os moradores. É um sentimento de pertencimento bem forte como podemos observar no depoimento a seguir,

Aqui, é maravilhoso demais! Nem pensar o que tem aqui o sossego, aqui é muito tranquilo a gente ainda pode dormi de casa aberta, não tem tanta violência apesar da droga rola muito, principalmente, no interior porque aqui não tem polícia, mas ainda dá de a gente sobreviver bacana, com ambiente mais calmo que na cidade, alimentação não é como era antes, de vez enquanto a gente pega um peixe, açaí em abundância na safra. Não tem dinheiro que pague. **(Ribeirinho R.N.F.G, R.N.F.G, 61 anos, 19 De novembro de 2023).**

Conseguimos analisar nessa fala uma grande valorização a Comunidade e a vontade de permanecer nela. Porém, não só isso, como também percebemos a falta de segurança pública, o que vem causando uma certa insegurança nos moradores da comunidade, percebermos ainda no relato mudanças nos hábitos alimentares pela escassez do pescado, que antigamente era encontrado em abundância.

É bom porque tem tranquilidade, né? Primeira coisa que a gente se acostumou aqui, né? Se criou aqui, né? Nasci aqui, me criei aqui, eu gosto de morar aqui, né? Já tive oportunidade de tá morando até lá em Cametá, por conta dos meus filhos que estudam pra lá, mas eu sempre gostei daqui, né? Assim de ficar aqui com o papai, aqui é meu trabalho também aqui na escola, então, eu ainda tô preferindo estar aqui, né? Ainda é um lugar bom pra gente viver. **(Ribeirinha D.M.G.N, 45 anos, 19 de novembro de 2023).**

Neste outro relato a tranquilidade ainda é citada ao se falar de um dos motivos para permanecer na Comunidade, além das raízes por ter nascido e ser criado nela, o trabalho é outro ponto que influencia por estar ligado à comunidade.

Nas discussões de Relph (2012), ele aponta o pertencimento e sua ligação com imobilidade, visto que, o lugar sempre é abordado, onde se tem raízes que foram construídas por meio de experiência com o lugar de vivência. Todavia, essa imobilidade é ainda algo que traz outros debates ao se falar de lugar.

A comunidade é palco de discussões para os moradores e aqueles que já não residem na mesma, por esse lugar carregar lembranças e experiências em comum. Além disso, as famílias que vivem na Comunidade possuem atividades e condições socioeconômicas semelhantes. Essas condições socioeconômicas são ligadas a atividades informais desenvolvidas na Comunidade. Nas comunidades ribeirinhas amazônicas há ainda ausência do trabalho formal, e a

maioria dos moradores dessas comunidades ainda sobrevivem da pesca e agricultura, mas para nos aprofundarmos nessa questão do trabalho destacamos alguns lugares da Comunidade como a Igreja e a Escola.

A Igreja e a Escola são os principais locais de reunião que encontramos na Comunidade de Pacuí de Cima, também possuem um papel importante nas questões socioeconômicas da comunidade. São esses lugares que inclusive são sempre referenciados ao se falar no lugar, é neles que encontramos ainda a coletividade. Podemos observar Figura 2 a Igreja e Salão de festas da Comunidade.

Figura 2 - Lugares de reuniões da Comunidade



Foto: Gaia, L. A. novembro de 2023.

A ilha Pacuí de Cima possui vários rios e por isso é dividida em cinco grupos que juntos compõem a comunidade que são eles: Sagrado Coração de Jesus, Perpétuo do Socorro, São João, Santa Maria e São Francisco. Esses grupos foram criados pela igreja católica e existem desde de 1982 e permanecem formando o conselho da comunidade, e cada grupo possui seu coordenador. Segundo os moradores, eles facilitam a organização religiosa e social, assim como também a localização. Assim, eles são como se fossem “os bairros” de uma cidade.

Assim, podemos refletir que “o lugar faz parte do nosso cotidiano e como é a partir dele que nos inserimos no mundo. É pelo lugar que nos identificamos,

ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo” (Marandola Jr, 2014, p.228). Logo, é ao estudá-lo que percebemos na Comunidade, trajetórias e histórias que foram importantes para a construção da identificação com o lugar. Além do mais, analisar os conflitos traz uma outra perspectiva das questões sociais.

Relph (2012), afirma que o lugar, e tudo que já foi redigido sobre ele, traz uma perspectiva, na maioria das vezes, de um fenômeno inteiramente positivo. E que ao tentarmos promover o que é local, em meio às transformações da sociedade formas de exclusão e opressão podem ocorrer. Logo, ao estudar um lugar devemos analisá-lo criticamente. No lugar ocorrem união, conflitos e as mais diversas relações.

Nesse ínterim, a Comunidade de Pacuí de Cima, apesar de ser uma comunidade que luta pelo bem estar de todos, em alguns momentos se apresenta dividida e precisa lidar com situações que afetam o bom convívio na comunidade e causam situações de conflito, além de acelerarem algumas vezes a decisão de alguns moradores por deixar a Comunidade fragmentando os laços de pertencimento.

Deixar a Comunidade não é muitas vezes é uma decisão fácil, mas isso se dá pela falta de oportunidades de empregos, os jovens que almejam continuar seus estudos no ensino médio e posteriormente em um curso superior precisam deixar a comunidade.

Negativo que eu acho que fez com que todos meus filhos não estejam junto de mim é por conta de não ter algo pra trabalhar e se manterem aqui o estudo, principalmente, o ponto negativo que existe aqui porque a gente não cresce, quem quer crescer tem que sair daqui. Minhas filhas estão empregadas pra lá, pra longe. Então, eu digo assim pra quem quer criar filho, tá começando a família, não é aqui. Mas pra nós que já estamos só nós dois ainda esse lugar é pra nós. Meus filhos brigam muito comigo pra mim sair daqui, tem hora que eu sinto vontade porque eu sinto saudades deles, né? Mas quando muito já sinto saudades daqui. **(Ribeirinha M.V.G, 57 anos, 19 de novembro de 2023)**

Ainda que permaneça na Comunidade, a moradora destaca que os filhos deixaram a comunidade para construir a vida em outros lugares, no seu ponto de vista se a comunidade oferecesse oportunidades de emprego, eles permaneceriam nela. Nesse contexto, as pessoas que deixam a Comunidade,

vivenciam novas experiências, e novas lugaridades são despertadas. Entretanto, a maioria das pessoas que deixam a comunidade continuam se identificando com ela, e sempre voltam mesmo que seja para visitá-la.

Educação de qualidade sempre foi uma das lutas da Comunidade de Pacuí de Cima, primeiramente um dos grandes desafios enfrentados foi conseguir o prédio escolar que oferecesse uma infraestrutura adequada para atender as crianças e adolescentes. Vemos na Figura 3 esse prédio.

Figura 3 - Escola da Comunidade



Foto: Gaia, L. A. novembro de 2023.

Durante muitos anos a escola ficou funcionando em casas particulares que não ofereciam uma infraestrutura adequada para atender a população, essa luta durou mais de vinte anos. Apesar disso, ainda há muitos outros fatores a serem melhorados, a escola ainda não oferece ensino médio, e os alunos têm que se deslocar, diariamente, para zona urbana do município, enfrentando uma viagem exaustiva.

Porque se tiver uma escola que tenha ensino médio aqui, eles já não vão pra cidade passar todo esse transtorno de transporte, de sair 4 horas da madrugada e chegar às 14 horas da tarde conforme a maré, barco corre pouco porque o que o governo oferece é pouco não dá pra contratar uma voadeira. Nossos filhos foram assim, melhorou ainda porque agora tão pagando, né? No tempo dos meus irmãos era papai

que levava puxava o dele e ficava esperando eles até a hora de vir embora pra eles serem hoje professor. E olha que os pais que cooperam ainda porque só o que prefeito dá não paga, é muito pouco, e os pais se reúnem para ajudar o homem porque despesa é muito grande senão não tinha barco, essa que é a verdade. **(Ribeirinho R.N.F.G, 61 anos, 19 De novembro de 2023).**

Identificamos durante a pesquisa na Comunidade como principal fator que a causa a divisão da comunidade, são as questões políticas como podemos analisar em seguida,

A política, sim a politização porque a política é boa, mas se tiver um povo politizado, porque quando você tem povo politizado você enxerga o objetivo da luta e, quando a gente enxerga o objetivo da luta, a gente quer tá tudo junto para alcançar o objetivo. Mas quando a gente não é politizado a gente quer discutir a política individual. Porque, por exemplo nós temos aqui na escola do Pacuí 10 vagas, nós temos 30 professores cada uma eleição que tem um grupo se organiza pra tomar do fulano que tá lá, aquela vaga pra ele ficar e não se discute criar essas vagas criar condição não é só de professor que se forma e ganhar dinheiro tem outras áreas que também, e nós temos aqui açai, nós temos energia nós poderíamos discutir projeto grande aqui pra gente beneficiar nosso produto aqui, armazenar aqui nosso produto pra vender aqui e vai precisar da gente na frente de pessoas que forme para manipular o alimento e pra nós vender na merenda escolar pra nós distribuir, mas só que nós temo de olhos fechados porque nós não temo politizado pra discutir e o que acontece? um querendo “matar o outro” sabe pra ficar, nós vamo chegar onde com isso? Em canto nenhum. **(Ribeirinho J. F.T.V, 67 anos, 19 de novembro de 2023).**

Segundo o entrevistado, as poucas vagas na escola causam conflito, porque ela é uma das únicas formas de trabalho existentes na comunidade. E com a chegada da energia elétrica na Comunidade em 2016, uma conquista que só foi possível pela união do povo, e através dela novas oportunidades de trabalho poderiam ser criadas, o que diminuiria esses conflitos, e muitas pessoas não precisariam deixar a comunidade.

Nesse contexto, ainda é importante ressaltar, que por serem poucos os professores concursados a cada troca de governo ocorre uma troca de professores na escola. Atualmente a escola possui 15 professores atuando. Dos quais 6 são concursados e 9 contratados. Entretanto, pelo turno da manhã há apenas dois professores concursados, o que influencia no início do ano letivo pela demora na contratação, visto que, iniciam apenas duas turmas até a contratação.

A questão política, é isso é desde quando eu me entendi existe talvez seja a união porque quando um grupo sai o outro entra aí esse grupo que sai fica apedrejando aquele que entra, aí fica essa situação. Às vezes influencia até em família, essas questões políticas, né? então acho que terminou o período, vamos se unir. Mas aqui sempre foi essa questão, assim ainda mais de contrato, contrata um aí já não é do grupo, aí o outro fica contrata e desconrata, aí entra um entra outro, aí fica essa questão, esse é o “X” da questão, porque não é o diretor que mandar na escola. Quem é que manda? Quem colocou o diretor que manda na escola. **(Ribeirinha D.M.G.N. 45 anos, 19 de novembro de 2023).**

Vemos uma interferência negativa da política, já que os conflitos ocasionados em virtude de atitudes políticas, acaba por afetar o bom convívio em comunidade e, conseqüentemente, dificulta uma educação de qualidade. Outro problema relatado dentro do campo escolar que chamou atenção foi a ausência de aulas de história durante o segundo semestre do ano letivo de 2023 para as turmas do 6º ao 9º ano, com a saída da professora não houve uma nova contratação. Apesar do prédio escolar representar uma conquista em prol da educação na Comunidade, há um conjunto de fatores ainda a serem melhorados.

Eu falo até pros professores que vem de Cametá que eles trabalham do 6º ao 9º ano, aí eles vêm de lá, né? Ai quando minha filha estudava, às vezes eles pegam até atestado e faltam bastante da tarde, né? Até que ultimamente a diretora chamou, porque assim os filhos deles estão estudando em escola particular nas melhores escolas dentro da cidade, e os nossos filhos, olha agora o que estão se formando agora não tão tendo, no segundo semestre não tiveram aula de história, mas eles não se preocupam porque os filhos deles estão nas melhores escolas da cidade, e não vejo a realidade, isso eu sempre falei, um dia eu falei na reunião lá: “Como eu não sou da comunidade eu não tenho preocupação”. Não é como nós que estamos aqui no dia a dia que se preocupa com nossos alunos, de melhorar a educação dentro da nossa localidade, acha que quem vem de fora vai se preocupar ele não, né? eu vejo dessa forma não sei se tô certa ou tô errada, a gente vê por esse lado de melhorar a educação dentro do nosso lugar, mas quando acontece isso fica a desejar. **(Ribeirinha D.M.G.N, 45 anos, 19 de novembro de 2023).**

Além disso, falta um pouco mais de comprometimento dos professores que não residem na Comunidade, como notamos no depoimento acima, isso é um fator que prejudica os alunos. Outras questões que a escola ainda precisa lidar são turmas com multisseriado e a falta de transportes que ainda não são suficientes para atender todos alunos da comunidade.

Dizer, assim: “A tá tudo bem é tapa o sol com a peneira”, né? Pra gente que almeja uma educação de qualidade a gente ver que falta, às vezes a gente diz: tá bem. Tá bem porque às vezes a gente faz das tripas coração pra que isso aconteça, mas não que esteja bem, poderia melhorar. É bom multisseriado? Não. E essa situação que foi falado de tardar muito, né? A contratação pro os alunos estudarem, e essa questão, da multisseriado também, olha um tempo tinha acabado essa questão de multisseriado, mas agora esse ano pelo menos acho que foi o ano, que mais os alunos saíram prejudicados porque não é nós que somos prejudicados é os alunos, nós em parte porque a gente tem que fazer dois planos de aula, né, tem que adaptar aí se torna mais trabalhoso, mas em relação ao rendimento escolar fica a desejar. **(Ribeirinha D.M.G.N, 45 anos, 19 de novembro de 2023)**

A comunidade vem lutando para conseguir água potável, para que chegue na comunidade através de poços artesianos, atualmente para conseguir água própria para o consumo os moradores têm que se deslocar para outras localidades que já contam com sistema de água tratada ou para zona urbana do município. Um posto de saúde vem sendo construído na comunidade o que segundo os moradores, traz esperanças na melhora de condições de vida nela ele está representado na Figura 4.

Figura 4 - Posto de Saúde



Foto: GAIA, L. A. novembro de 2023.

É, em vista disso, que estamos analisando a Comunidade a partir dessas situações para melhor compreender seu cotidiano, seu modo de vida. As reflexões trazem lembranças compartilhadas nesse lugar, surgem fatos e questionamentos que nos mostram as evoluções da Comunidade, assim como também coisas que ainda precisam ser melhoradas. Portanto, nesse cenário, Marandola Jr (2014), busca trazer uma significação sobre lugar no seu sentido ontológico na atualidade, ou seja, uma visão que contemple tanto sua essência quanto a atualidade.

4.1 – LENDO A PAISAGEM INTERPRETANDO O LUGAR:

Analisar o lugar nos seus mais diversos sentidos ajuda a compreendê-lo, assim como, nossa percepção sobre ele é ampliada, uma vez que, vimos que não podemos caracterizá-lo de uma única forma, pois nem um lugar é igual ao outro. Podemos encontrar sim semelhanças entre eles, mas é nas particularidades, a partir das investigações de suas vivências e relações com o sujeito que encontramos a diferença entre os lugares, sejam elas encontradas na sua paisagem ou nas suas relações sociais e culturais.

E partindo dessa ideia, nesse capítulo buscaremos dar uma maior ênfase à paisagem um conceito que segundo Holzer (2004), reaparecer na década de 1970 com a geografia francesa, ressurgindo, assim diferentes discussões sobre ele, e que passa a ser abordada por meio de diferentes concepções teóricas, assim como o conceito de lugar que teve sua ascensão com a Geografia humanista.

Sobre essas teorias ainda segundo Holzer (2004),

Entre as quais, a marxista, que propunha a análise da paisagem enquanto espetáculo, a de geógrafos influenciados pela geografia comportamental norte-americana, que tinham como objeto uma Geografia das Representações; a de uma Geografia Cultural, que procurava valorizar na paisagem, aspectos do mundo vivido (HOLZER, 2004, p. 55 e 56).

Falando das paisagens ribeirinhas e, principalmente, da Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima, podemos analisá-las como espetáculos, pois elas

impressionam com suas belezas naturais e suas características próprias. Mas ao investigarmos a paisagem e nos aprofundamos nos aspectos do mundo vivido descobrimos mais da vivência dessas comunidades.

Por trás das belas paisagens existem povos que lutam por melhores condições de vida e ainda pela sobrevivência de seus rios e florestas, que são constantemente ameaçadas pelos grandes projetos, ou seja, lutam pela preservação dos seus lugares. Essas paisagens amazônicas são palcos de narrativas de lutas desses povos para a sobrevivência nesses lugares. Bergue (2012), traz nas suas percepções a paisagem como marca e matriz.

Nesse caminhar Bergue (2012) se refere a conceber a paisagem como:

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem de se ecúmeno. E assim infinitos laços de codeterminação (BERGUE, 2012, p. 239)

É importante compreendermos o que marca essas paisagens e como carregam elas foram construídas, tentamos observar como a paisagem ribeirinha da Comunidade Pacuí de Cima marca seus moradores e ao analisamos buscamos relevar ainda não só uma análise superficial, mas trazer elementos que destaquem sua relação com a sociedade e quais modificações na paisagem foram mais marcantes para a comunidade e o que elas transmitem para os moradores.

No caso da descrição da paisagem Bergue (2012), diz que ela é o ponto de partida para se falar da paisagem como dado perceptível, mas é ultrapassando esse campo que encontramos as explicações para as relações que nela ocorrem e suas transformações dadas por fatores históricos ou pelos aspectos geológicos. Discutindo ainda a sobre compreensão da paisagem para este autor ele revelar que é,

É preciso compreender a paisagem, de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc. (Bergue, 2012, p. 240).

Observando a paisagem ribeirinha da Comunidade de Pacuí de Cima ela é resultado dessas junções que ocorrem na paisagem, é fruto dessas relações sociais com os sujeitos, e ainda dessas transformações políticas. É por isso que através da paisagem continuaremos interpretando a Comunidade de Pacuí de Cima, tentando ressaltar sempre a conexão entre paisagem, lugar e lugaridade.

Figura 5 - Paisagem Ribeirinha da Comunidade De Pacuí de Cima



Foto: PADINHA, M. R. novembro de 2023.

Figura 6 - Barquinhos no porto da Igreja da Comunidade de Pacuí de Cima



Foto: PADINHA, M. R. novembro de 2023.

As comunidades ribeirinhas chamam atenção, primeiramente pela sua paisagem, que com presença rio e da floresta nos apresentam um ambiente que nos encanta com sua beleza e tranquilidade, a estética das casas ribeirinhas chamam atenção entre a floresta e o rio como percebemos nas figuras 5, e já na figura 6 os barquinhos chamam atenção, esses elementos presentes em meio paisagem são importantes para interpretarmos o lugar.

Na Figura 7 trazemos um pouco mais da paisagem ribeirinha da Comunidade de Pacuí de Cima. Buscamos por meio da paisagem, entender a ocupação do seu espaço e interpretar sua paisagem e descrevê-la, e como elas são formadas no lugar. As modificações na paisagem implicam novos olhares sobre o lugar, e sua organização. E nas fotografias dessa paisagem podemos ainda perceber um pouco dessa calma transmitida com a presenças de bastantes áreas verdes.

Figura 7 - Paisagens Ribeirinhas

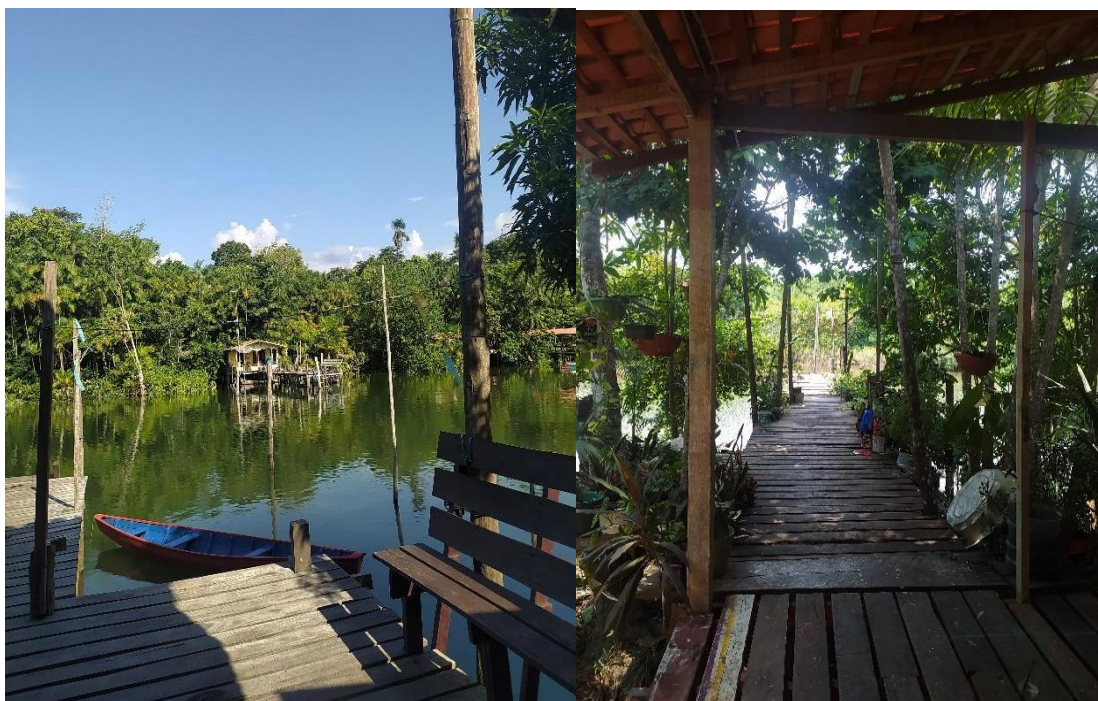


Foto: Gaia, L. A. novembro de 2023.

É neste cenário, que a Comunidade estudada está inserida. Quando perguntamos a alguns moradores porque não deixariam a comunidade expressões como: “Aqui é maravilhoso” ou “Aqui tem tranquilidade” se

destacaram. Além do apego ao lugar, a paisagem também cativa os moradores a permanecerem na Comunidade, principalmente entre os moradores mais antigos.

Pra mim é uma graça eu moro aqui, eu moro no paraíso! Eu tenho casa lá na cidade, só que eu não gosto da cidade, eu gosto daqui. Eu moro aqui na ilha, quem mora na ilha representa o ribeirinho pesca e agricultura, pra mim é uma coisa muito importante. **(Ribeirinho S.V.W, 77 anos, 19 de novembro de 2023)**

Ao se conectar paisagem e lugar e se fazer a junção dos elementos que os compõem essa ligação irá revelar características culturais, socioeconômicas e sociais. Como percebemos no relato de um morador da comunidade ao descrever que mora na ilha ele se apresenta como pertencente a uma comunidade tradicional, na qual suas relações econômicas são ligadas a pesca e agricultura, se descrevendo e se reconhecendo como um ribeirinho.

Figura 8 – Cozinha de uma residência Ribeirinha



Foto: Gaia, L. A. novembro de 2023.

Na figura 8 continuamos trazendo um pouco mais dessa paisagem. E assim, ao decifrarmos a paisagem nos deparamos com suas formas, símbolos e áreas que compõem o lugar, mas para irmos além nessas observações politizar as imagens foram importantes. E essas características na Comunidade de Pacuí de Cima, se fazem presente nas transformações da paisagem e das relações

com o lugar, e são traduzidas nos vínculos de coletividade, assim como nas divergências.

Na comunidade como já vimos divergências políticas são frequentes. Para Milton (1998),

Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, cientificação da burocracia, centralização agravada das decisões e da informação, tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo. Desse modo se compreende que haja correspondência entre sociedade global e crise global. É igualmente compreensível, mas lamentável, que esse movimento geral tenha atingido a própria atividade científica. (SANTOS, 1998, p. 7).

Na sociedade em que vivemos essa centralização de poder político pode ser encontrada nos mais diversos meios. Na comunidade encontramos essa centralização na divisão em grupos, e nos interesses individuais que trazem ainda mais esse acirramento de desigualdades e de classes, na visão de alguns moradores.

Eu acho que tem uma dificuldade eles querem cada um que luta mais por si, é difícil eles quererem lutar pelo bem de todos. Quando vem alguma coisa pra beneficiar a todos da comunidade às vezes tem uma certa desconfiança, cada uma família tem um sistema uma regra uma doutrina dentro sua família dentro de sua casa. Então, pra gente lutar pra ter as coisas pra todo mundo tem que ter união, ainda mais quando entra a política. Até parente fica de mal, embora que tu tenha teu direito, se tu não tá daquele lado, tu não merece. A religião há uma diferença: um é de uma igreja, outro é de outro é difícil unir. **(Ribeirinha M.V.G, 45 anos, 19 de novembro de 2023).**

Por isso é de fundamental importância descobrirmos a natureza desses conflitos para tentar amenizá-los na Comunidade. Apesar de, a moradora nas falas acima, além da política citar a religião como dos motivos de divisão na comunidade, na visão de outros moradores há entre as religiões o respeito, como podemos observar nas falas a seguir,

Religiosamente acredito que não, eu não vejo muitos conflitos. Já politicamente isso tem aumentando porque cada um procura ter seu grupo, a sua parceria, seu candidato, seu lado, e acabam tendo esses desacertos, agora religiosamente não! Cada um respeita, a decisão que cada um toma. Agora, politicamente eu vejo, ultimamente, que eles têm evoluído no nosso tempo **(Ribeirinho W.V.G, 32 anos, 19 de novembro de 2023).**

As mudanças na paisagem da Comunidade carregam, ainda, histórias de lutas da população, luta pela conquista do prédio escolar, pela construção da Igreja, e recentemente a construção do posto de saúde (este último ainda se encontra em construção) e só foram possíveis com a coletividade e empenho da população. E essas são as marcas que encontramos na Paisagem da Comunidade que só foram possíveis com os laços de cooperação.

Aqui nós passamos muita dificuldade, mas nós somos uma comunidade, nós temos uma grandeza de acreditar nas coisas, e a gente vai pra cima das coisas. Nós fomos aqui a primeira comunidade a ter a igreja construída em concreto armado, levamos o projeto foi aprovado em 1996. Tem toda essa estrutura aqui graças ao esforço do povo. Eu sabia que nós precisávamos ter energia que a vida da comunidade só podia melhorar se a gente tivesse energia 24 horas nas nossas casas, não tem como cê ter uma merenda da qualidade na escola, não tem como cê conservar seu alimento, já tá escasso o pescado, então cê tem que guardar tudo que você arruma. Isso é uma obra da comunidade. Sim, porque foi uma reivindicação se a gente esperasse do poder público pra fazer até agora não tinha. Esse posto de saúde aqui essa estrutura também é reivindicação. Então, o que eu saiba o que não é conquistado pela comunidade aqui é só aquilo que é individual mesmo da pessoa, não da comunidade. **(Ribeirinho J.F.T.V 67 anos, 19 de novembro de 2023).**

Conforme Santos (1988) o que explica a criação de novos cenários é a multiplicação das possibilidades, elas englobam o mundo inteiro. Essas relações entre paisagem e lugar, e como as lugaridades foram construídas que estamos tentando ressaltar, as relações entre paisagem e lugar, e consequentemente perceber como elas ocorrem na comunidade. Pois, a cada mudança na paisagem novas histórias são produzidas. E ressaltar ainda que as transformações da paisagem são, muitas vezes, produto da organização da comunidade, resultado de suas lutas, a exemplo da construção da igreja, da escola, do posto de saúde.

Em alguns momentos a coletividade é enfatizada na Comunidade de Pacuí de Cima como um dos seus pontos positivos, que comparado a outros lugares os moradores consideram isso uma particularidade. Porém, isso não quer dizer que ela não exista em outras comunidades. Talvez se dê de maneira diferente. Podemos considerar a afirmação que “Uma das características do espaço habitado é, pois, a sua heterogeneidade” (Santos, 1988, p.15). assim, dentro de cada lugar encontramos essa diferença.

Milton (1988) pondera que,

A questão do espaço habitado pode ser abordada segundo um ponto de vista biológico, pelo reconhecimento da adaptabilidade do homem, como indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas mais diversos, às condições naturais mais extremas. Uma outra abordagem é a que vê o ser humano não mais como indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência. Podemos assim acompanhar a maneira como a raça humana se expande e se distribui, acarretando sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente (mas também em cada país, em cada região e em cada lugar). O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado. (SANTOS, 1988, p.14).

A partir desse contexto, a comunidade de Pacuí de Cima é uma comunidade ribeirinha, na qual o espaço habitado da comunidade vem sendo modificado tanto pelo homem, tanto por fatores naturais, e a população vem se adaptando a esse novo ambiente. Por isso, observamos que há uma necessidade maior para que novas formas de trabalho sejam desenvolvidas na Comunidade, visto que, as formas como o homem está inserido no lugar não vão ser as mesmas, e nem seus modos de vida.

Figura 9 - Paisagem da Comunidade



Foto: GAIA, L. A. novembro 2023.

Na figura 9 trazemos mais imagem da comunidade. A paisagem é a imagem que os moradores têm do lugar, enquanto o lugar é o espaço vivido carregado de experiências a paisagem seria a imagem que temos desse lugar, e ela, assim como lugar é lembrada por seus sentidos. A paisagem ribeirinha ainda carrega elementos mais naturais na sua paisagem, a Floresta e Rio ainda se destacam em meio aos novos elementos que compõem a paisagem do lugar.

Paraíso aqui! Pra mim assim eu já morei em vários lugares, mas não como aqui, lugar calmo, não tá muito exposto ao perigo, a gente tem mais segurança às vezes a gente deixa até o motor no porto, então existe essa tranquilidade, outra coisa aqui a gente come a comida mais natural, ainda mais que tenho problema de saúde, é o lugar da gente né? A gente nasceu aqui, se criou aqui. Então, a gente tem muito amor por esse lugar. **(Ribeirinha M.V.G 45 anos, 19 de novembro de 2023)**

Ainda que, tenham experiências entre outros lugares, conhecido novas paisagens e ao tentarem criarem novas lugaridades, por amor também aos filhos que residem outros lugares, acabam retornando por gostarem de estar na Comunidade e reside nela, pois gostam de estar ali, segundo eles suas raízes estão lá, e tem suas identidades construídas nesse lugar.

Na escola a percepção da paisagem e do lugar são importantes para que a realidade da Comunidade seja trabalhada com os alunos, para que eles se tornem conscientes da importância da preservação da natureza para manutenção dos seus recursos, além disso, outra forma da escola e a comunidade se organizar para a preservação e fazendo a limpeza dos rios e igarapés.

Nas observações de Santos (1988), nos estudos sobre a paisagem é importante não olharmos ela apenas superficialmente e sim atravessar seus aspectos para assim chegar a sua interpretação. Ainda para esse referido autor,

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social (SANTOS, 1998, p. 23).

Trazendo para a nossa pesquisa a Comunidade de Pacuí de Cima tem sua paisagem transformada pelas ações do homem e encontram-se elementos naturais e artificiais nela, e as transformações políticas e econômicas que moldam essas novas formas. Diferente das áreas urbanas onde encontramos uma paisagem bastante transformada, nas áreas ribeirinhas a paisagem ainda se encontra, em boa parte, conservada. Por seu ritmo de vida se dar de uma maneira diferente das grandes cidades. Sabemos que:

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. (SANTOS, 1988, p. 24).

Logo, segundo Santos, a paisagem sempre será instrumento de mudança para o homem, em cada lugar elas serão transformadas para atender suas necessidades. Por isso, ao interpretarmos a paisagem devemos sempre assimilar as condições políticas, econômicas e sociais do lugar. É importante significarmos a paisagem para conhecermos as experiências de um lugar e foi isso que tentamos realizar ao estudar a Comunidade de Pacuí de Cima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória desse trabalho buscou percorrer o conceito de lugar e seu sentido, as percepções que costumamos ter dele na maioria das vezes são apenas superficiais, e olhar através delas e desvendá-lo no seu sentido mais profundo, foi um grande desafio e um caminho cheio de descobertas. Para isso as relações do indivíduo com o lugar são de suma importância, é foi através dela que destacamos as experiências e as vivências dos ribeirinhos da Comunidade de Pacuí de Cima.

Nos atentamos para as questões do sentimento de pertencimento, que trazem lembranças nostálgicas, pois o lugar está presente no passado e no presente, por isso relacionamos ele também ao tempo, o lugar vai ser

transformado, assim como sua cultura que incorpora novos elementos, como consequência da interação com novos modos de vida. Entretanto, questões de conflito políticos crescem na Comunidade, os interesses individuais estão como principal fato que leva a isso, deixando de lado a coletividade e união.

Reconhecer o espaço da Comunidade de Pacuí de Cima foi importante para responder às problemáticas e as indagações que levaram a essa pesquisa. Conseguimos apontar a ligação entre lugar e cultura ribeirinha, já que, nos reconhecemos como pertencentes a um lugar por meio de sua cultura, e os Ribeirinhos dessa Comunidade tem elementos culturais que ainda são preservados, como forma de se manter a identidade desse lugar. Destacamos que a Cultura Ribeirinha tem no rio e na floresta esses elos.

A definição dos moradores sobre a Comunidade de Pacuí de Cima nos revelou um sentido de lugar e o sentimento de pertencimento bem fortes, que mesmo com a oportunidades de deixar a Comunidade, por falta de emprego ou outras questões que foram abordadas na pesquisa, optam por permanecer na comunidade. Mas, não deixam de relatar o que vem incomodando e fragilizando os laços dentro dela.

Por isso buscamos identificar qual a origem desses atritos que vem ganhando cada vez mais destaque, dentro da Comunidade como as questões políticas, sabemos que elas ocorrem no mundo todo disputas por poder e conflitos territoriais são comuns na sociedade nos mais diversos contextos históricos. Mas, aqui buscamos observar como a Comunidade Ribeirinha de Pacuí de Cima lida com essas questões, e porque elas, além disso, aceleram a decisão dos moradores por deixar a comunidade.

Durante a pesquisa de campo na Comunidade observamos alguns lugares de encontros como a Igreja e a Escola. Que por possuírem um papel de destaque na Comunidade foram imprescindíveis para o andamento da pesquisa na Comunidade. Procuramos nelas o entendimento da formação da comunidade e organização.

Na igreja chegamos após a celebração, na qual, o povo se encontrava reunido, aproveitamos para conversar com alguns ribeirinhos e conhecer um pouco mais do cotidiano do lugar. Não conseguimos visitar a escola, mas por

meio das entrevistas surgiram situações que merecem uma maior atenção e que vem incomodando os moradores da Comunidade, muitos pais com seus filhos aceleraram a decisão por deixar a Comunidade em busca de uma educação de qualidade.

Assim, a falta de serviços educacionais e de saúde entre outros são alguns dos fatores que levam os habitantes a deixarem a Comunidade, e dificilmente retornam para residir nela, encontramos nesses elementos as inquietações da Comunidade. Entretanto, ela não deixa de ser para eles um lugar de pertencimento, estando enraizado na memória com as lembranças compartilhadas na Comunidade.

A descrição e interpretação da paisagem mostra-nos como seus elementos carregam histórias de lutas e conquistas da Comunidade que quando seus laços de coletividades estão reforçados conseguem grandes avanços que vem a contribuir com a melhoria da qualidade de vida e podem contribuir ainda mais para a permanência na Comunidade. Não temos uma paisagem natural tão modificada, mas podemos encontrar nela traços dessas modificações são perceptíveis ainda que não sejam de grandes proporções

Esta pesquisa tinha ainda como uma ferramenta da pesquisa de campo, fazer análise de alguns documentos importantes para a Comunidade, mas não obtivemos êxito. Mas isso não impediu o andamento da pesquisa, que continuou com as observações e entrevistas. Com as bases teóricas fizemos os elos com a realidade da Comunidade.

Nesse contexto, a pesquisa buscou contribuir para que a cultura da comunidade seja lembrada, através do conceito de lugar e tentar resgatar o vínculo pessoal dos moradores com a mesma, que vem enfraquecendo. Pois, ela poderá contribuir para que costumes e hábitos sejam lembrados, por meio de histórias contadas e outras formas de expressão que são manifestadas na vivência. O lugar também foi o caminho para nos aprofundarmos em outras situações, que a princípio não eram o foco deste trabalho, mas que são essenciais para se pensar o lugar.

Apesar de já existirem alguns trabalhos acadêmicos sobre a Comunidade Pacuí de Cima Cametá-Pa, tentamos trazer para essa pesquisa o foco a outras

questões que ainda não tinham sido abordadas ao se falar na Comunidade. Além disso, busca-se com a pesquisa chamar atenção para o tema, visto que, o que molda a identidade territorial da comunidade são seus hábitos e costumes, e como vivemos em sociedade não podemos deixar de falar de conflitos, entretanto o respeito deve prevalecer para que a convivência não seja afetada.

Dessa maneira, espera-se também que a pesquisa inspire outros trabalhos sobre a Comunidade de Pacuí de Cima, e que explorem mais a cultura da mesma, e a relações entre lugar e sujeito, visto que, vivemos em constante transformações em relações pessoais, transformações no espaço e lugar, assim como na paisagem, muitas outras questões ainda ser levantadas colocando o lugar como centro.

Porque a educação nas escolas ribeirinhas ainda recebe menos atenção do poder público do que as escolas localizadas na zona urbana do município? Vemos esse descuido durante a pesquisa, foram muitos anos até conseguir que um prédio escolar e a escola ainda passa por situações que não deveriam ocorrer no ambiente escolar. A segunda inquietação que fica é sobre formas ofertas de empregos na comunidade, como outras formas de trabalho poderiam ser criadas e ser isso melhoraria de fato a sociabilidade dos moradores

Outra questão importante que ainda não foi discutida nesta pesquisa, mas fica em aberto e que deve a ser abordada quando falamos em Comunidades Ribeirinhas é sobre papel das mulheres nessas comunidades e na Comunidade aqui estudada ainda há uma forte presença masculina possuindo e exercendo papéis de lideranças, mesmo com o apoio das mulheres elas poucos se destacam e ficam invisibilizadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, MG. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo**. In: **SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 313-336. ISBN 978- 85-232-1189-9. Available from SciELO Books.

BERDOULAY, Vincent; ENTRIKIN, Nicholas. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. **Qual o espaço do lugar**, p. 93-116, 2012.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. **Geografia cultural: uma antologia**, v. 1, p. 239-243, 2012.

CRUZ, V. do C. **Pela outra margem da fronteira: território, identidade e lutas sociais na Amazônia**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CRUZ, Valter Carmo. Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia: Considerações sobre a Identidade Ribeirinha. **XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ**, 2011.

HOLZER, Werther. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e Cultura**, n. 17-18, 2004.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **A Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo: Editora Emporio do Livro, 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. **Qual o espaço do lugar**, p. 227-247, 2014.

MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, L. de. Qual o espaço do lugar. **Perspectiva**, 2012.

MELLO, João Baptista Ferreira de. O triunfo do lugar sobre o espaço. **Qual o espaço do lugar**, v. 1, p. 33-68, 2012.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. **Qual o espaço do lugar**, v. 1, p. 03-16, 2014.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. **Qual o espaço do lugar**, v. 1, p. 17-32, 2012.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Hucitec. 1997.

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SILVA, Felipe Kevin. UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE A CULTURA RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA-MARAJOARA (PARÁ)/A PHENOMENOLOGICAL STUDY ON RIBEIRINHA CULTURE IN AMAZÔNIA-MARAJOARA (PARÁ). **Revista GeoAmazônia**, v. 6, n. 12, p. 143-164, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. SciELO-EDUEL, 2013.

VIANA, Lucivaldo. **IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Uma análise da Comunidade Pacuí de Cima**, Cametá-Pará-Amazônia-Brasil, 2017.

APENDICE – Formulário de pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA

TEMA: O LUGAR E A CULTURA RIBEIRINHA: UM ESTUDO NA
COMUNIDADE DE PACUÍ DE CIMA, CAMETÁ-PA

DISCENTE: LARICE AMORIM GAIA

ORIENTADOR: PROF. Dr. MARCEL RIBEIRO PADINHA

ROTEIRO DE ENTREVISTAS E REFLEXÕES PARA A COMUNIDADE DE
PACUÍ DE CIMA (CAMETÁ/PA).

Escola:

- 1) A escola trabalha ao longo do ano, junto aos alunos, elementos de identificação identitária – ou seja, símbolos ligados ao cotidiano da comunidade, ligados ao modo de vida das pessoas, tais como: o rio e a floresta? Em caso positivo, como o trabalho sobre a importância e valorização do rio e da floresta são utilizados para construir laços mais fortes na comunidade?
- 2) A constante troca de professores traz algum prejuízo para a conformação dos laços comunitários? Ou seja, isso prejudica o relacionamento entre comunidade escolar e os alunos da comunidade?
- 3) A comunidade é bem assistida do ponto de vista dos serviços de saúde? De segurança? De educação?
- 4) Quais os momentos em que a comunidade se apresenta mais unida, solidária, mais participativa?
- 5) Onde a comunidade se apresenta mais distante, dividida?
- 6) Qual o peso das ações do estado (poder público) como provedor de laços de afetividade e de fragmentação?

- 7) O tráfego de embarcações no rio.
- 8) Quais as manifestações artísticas culturais se mantêm e como essas auxiliam a construção de laços de afeto na comunidade?
- 9) Como a política municipal ajuda/auxilia na divisão da comunidade?